



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7438 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação

Transformações nas condições de trabalho dos professores de sociologia da Unicamp

Fernando Henrique Protetti - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

## **TRANSFORMAÇÕES NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA DA UNICAMP**

No Brasil, a reestruturação produtiva da universidade pública se fez caudatária às mudanças na economia, com o trânsito do regime de acumulação fordista e monopolista para o de acumulação flexível e sob a predominância financeira - o país aderiu a esse último modelo desde o início dos anos de 1990 -, e à reforma do aparelho do Estado (1995), com a modernização da gestão do trabalho no setor público (SILVA JÚNIOR; SGUISSARDI, 2001). Na universidade pública, agora uma organização social situada no setor não-exclusivo ou competitivo do Estado, a pesquisa e a pós-graduação ocupam lugar de destaque no trabalho dos professores, sendo “avaliadas” (regulação e controle) e financiadas por agências estatais, tais como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (BIANCHETTI; SGUISSARDI, 2009). A finalidade é acentuar a produção de valor com o financiamento do fundo público e a resolução focal de problemas sociais, mediante a produção de um novo tipo de conhecimento, “o conhecimento matéria-prima, passível de ser transformado em produtos, processos e serviços” (SILVA JÚNIOR, 2017, p. 108), tudo isso à custa da intensificação, extensificação e precarização do trabalho docente (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009).

Nessa comunicação, apresentamos resultados de pesquisa sobre as transformações nas condições de trabalho dos professores de sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no período de 1989-2016, e as formas de resistência construídas por esses professores frente às transformações nas condições de trabalho. Nessa pesquisa, interrogamos: quais são as transformações nas condições de trabalho dos professores investigados? Existem formas de resistência construídas por esses professores frente às transformações nas condições de trabalho?

Os sujeitos da pesquisa correspondem aos 65 professores que, no ano de 2016, estavam credenciados como docentes permanentes e/ou colaboradores nos Programas de Pós-graduação em Sociologia e em Ciências Sociais da Unicamp. Na pesquisa, entrevistamos 11 desses professores, interrogando-os sobre as trajetórias acadêmica e profissional, o trabalho na universidade e suas condições de realização, o emprego do tempo entre trabalho e não trabalho, a saúde etc. O trabalho com as entrevistas (depoimentos orais) fundamentou-se na

perspectiva teórico-metodológica da “História Oral” proposta por Queiroz (1991, p. 21), cuja finalidade é elucidar “o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social”. Em complemento e confrontação aos depoimentos orais, mobilizamos informações disponíveis nos anuários estatísticos da universidade e temáticas afins constantes na literatura especializada.

Analisar as transformações nas condições de trabalho dos professores de sociologia da Unicamp significou interrogar o processo de trabalho (MARX, 2013) e a intensidade do trabalho (DAL ROSSO; 2008). Os professores investigados indicaram a “diminuição do número do corpo docente e expansão das atividades da universidade”, situação vivenciada pelo aumento da carga de trabalho docente levado à exaustão. Informaram também que “o trabalho é cada vez mais intenso e intensificado”, com “uma jornada de trabalho realmente intensa”. Além da intensificação do trabalho, processa-se o alongamento da jornada de trabalho ou a extensificação do trabalho docente, haja vista que “para você dar conta de tudo isso você trabalha sábado e domingo, feriado, de noite”. Ou seja, trata-se de um trabalho levado a outros tempos e lugares, originalmente de lazer, descanso e sono.

Em decorrência da intensificação e extensificação do trabalho docente na Unicamp, a quase totalidade dos professores entrevistados fez alusão à relação entre as atuais condições de trabalho e a saúde docente (SOUZA; LEITE, 2011). Os depoimentos revelam a existência de problemas na saúde física, mental e emocional docente, tais como lesões por esforços repetitivos (LER), distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (Dort), estresse, depressão, hipertensão, gastrite etc. Frente a esse quadro, os professores de sociologia da Unicamp construíram duas formas de resistências para, senão confrontar, pelo menos atenuar as consequências advindas das transformações nas condições de trabalho: (i) formas de resistências individuais, que são “formas individuais de preservação”, constituindo-se de dicas, macetes e estratégias pessoais utilizadas para limitar a carga de trabalho docente e preservar o tempo de não trabalho (família, lazer, descanso, sono etc.); e, (ii) formas de resistências coletivas que, para além da ação sindical, compreendem um conjunto de ações grupais objetivas, constantes e dinâmicas que acontecem no interior de grupos de pesquisa, departamentos, linhas de pesquisa, programas de pós-graduação, entre professores de uma mesma área ou subárea de atuação, dentre outras possibilidades. Essas ações grupais, tais como compartilhamento de atividades, criação de um ambiente colaborativo e de auxílio mútuo, construção de coletivos de trabalho, em suma, “formas de solidariedade”, constitui-se na principal forma de resistência coletiva construída pelos professores de sociologia da Unicamp.

Em entrevista concedida no final dos anos de 1970, o sociólogo “libertário” e incansável crítico da burocracia, Maurício Tragtenberg (1978, p. 13), era questionado sobre “Como combater o academicismo?”, e assim respondia: “Fundamentalmente, a realidade é dialética. A mesma realidade que cria o academicismo, que cria o saber oficial, que cria a ideologia oficial, que se esclerosa e se cristaliza através dos manuais oficiais e livros didáticos, essa mesma realidade cria também a contra-ideologia. Essa mesma realidade cria o seu oposto”. Parafraseando esse autor, podemos dizer que a mesma realidade que cria as transformações nas condições de trabalho, dado pela intensificação e extensificação do trabalho e pelo adoecimento docente, essa mesma realidade, por ser dialética, também cria as formas de resistência docente. E são as formas de resistências coletivas, principalmente as formas de solidariedade, a principal saída encontrada pelos professores de sociologia da Unicamp para atenuar as consequências decorrentes das transformações nas condições de trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho docente. Condições de trabalho. Processo de trabalho. Professores de sociologia. Universidade Estadual de Campinas.

**REFERÊNCIAS**

- BIANCHETTI, Lucídio; SGUISSARDI, Valdemar (orgs.). *Dilemas da pós-graduação: gestão e avaliação*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- DAL ROSSO, Sadi. *Mais trabalho!:* a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã, 2009.
- SILVA JÚNIOR, João dos Reis. *The new brazilian university: a busca de resultados comercializáveis: para quem?* Bauru, SP: Canal 6, 2017.
- SILVA JÚNIOR, João dos Reis.; SGUISSARDI, Valdemar. *Novas faces da educação superior no Brasil: reforma do Estado e mudança na produção*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Bragança Paulista, SP: IFAN-USF, 2001.
- SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Márcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, out./dez. 2011.
- TRAGTENBERG, Maurício. A delinquência acadêmica. Entrevista com Maurício Tragtenberg. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 dez. 1978. Folhetim, p. 12-13.